

viver

Cantora, compositora e pesquisadora, Clarissa Ferreira desafia os limites líricos, estéticos e conceituais da música tradicionalista gaúcha



JOÃO VICENTE RIBAS/ESPECIAL/JC



reportagem cultural

“O que eu cantava com um pouco mais de raiva, hoje eu canto com um pouco mais de dor”

João Vicente Ribas, especial para JC

Ela projeta a voz para externar suas ideias. Não está naquele lugar onde se acostumou a localizar as mulheres gaúchas: encantando ou adornando. A cancionista, violinista e pesquisadora Clarissa Ferreira projeta-se hoje com protagonismo na cena cultural do Rio

Grande do Sul.

No início de junho, a artista recebeu a reportagem do **Jornal do Comércio** em sua casa, quando se preparava para pegar a estrada rumo a Montevideu, onde daria uma aula na Universidad de La República sobre *Música, cultura e crise climática*. Com gentileza e senso crítico aguçado,

respondeu a uma série de perguntas sobre sua trajetória profissional e intelectual. Ao longo da conversa, demonstrou preocupação com a calamidade no Estado e esperança com a união entre os músicos gaúchos.

Seu primeiro álbum, *LaVaca*, lançado um mês antes da tragédia climática, instiga

e sensibiliza sobre o cuidado urgente com a natureza. Não surgiu da noite para o dia, pois é resultado de uma trajetória musical que une atuação e reflexão, desde quando tocava violino em festivais nativistas e começou a escrever o blog *Gauchismo Líquido*, há 10 anos.

Para se ter uma ideia, entre as faixas do álbum está *Flor extinta*, sobre a descoberta de uma nova espécie na flora do Pampa. Considerando que restam hoje nesse bioma apenas 36% da vegetação nativa, Clarissa critica “quem só no canto pela terra tem amor”.

Segundo Loma Pereira, principal voz feminina negra atuante no Estado, Clarissa Ferreira emergiu para despertar e encorajar reflexões. “Ela nos entrega a ousadia que o mundo precisa”, afirma. Loma conhece Clarissa desde que era estudante e acompanhou suas participações em festivais, “onde a mulher é

bem pré conceituada”. “Ela diz coisas que ninguém tem coragem de dizer”, exalta.

Na canção *Tiranas*, faz uma ode à sororidade, com letra da carioca Maria Gabriela Saldanha. “Se não existissem, nós nunca saberíamos de quantos modos uma mulher poderia ser para além do que lhe foi determinado ser”, canta.

Vitor Ramil, um dos grandes nomes da música gaúcha contemporânea, celebra a desenvoltura com que Clarissa tem se movimentado na cena musical, cercada de excelentes músicos e parceiros. “É artista de vários recursos: toca, canta, compõe, escreve, performa, pesquisa, teoriza. O fato de ser mulher é significativo, relevante, até porque adentra criticamente na seara masculina do gauchismo”, define.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

A dramaturgia e o teatro para crianças

Na retomada das atividades artísticas na cidade, logo no início de julho ocorrerá o Festecri - Festival de Teatro para Crianças, que a produtora Letícia Vieira havia programado para maio e transferido por causa das enchentes. O festival acontece no Theatro São Pedro e será constituído de dez espetáculos, no período de 8 a 17 de julho. Será um mix de espetáculos que ora tocam temas clássicos, como *De la Mancha: o cavaleiro trapalhão* (dia 12), ora retomam peças hoje clássicas, como *Lili inventa o mundo*, que Dilmar Messias escreveu e dirigiu, em sua primeira versão, a partir de poemas de Mário Quintana e que, para mim, é um dos espetáculos de teatro infantil mais bonitos que já vi (dia 16).

A propósito desta mostra, aproveito hoje para recuperar algumas informações a respeito do que hoje em dia chamamos de teatro infantil - prefiro teatro para crianças, pois o adjetivo "infantil" muitas vezes é utilizado como um elemento desclassificador do que seja este tipo de espetáculo, a exemplo da chamada "literatura infantil", diga-se de passagem.

Se, como escreve Philippe Ariès na sua *História social da criança e da infância*, pelo menos até o Romantismo a criança era percebida apenas como um adulto incompleto, é natural que não houvesse preocupações específicas com o que consumisse ou preferisse. Assim, é impossível pensar numa literatura ou dramaturgia para crianças. A criança consumia aquilo que estava sendo apresentado ao adulto, ao lado do qual participava dos espetáculos. Pode-se dizer que, em muitos casos, era o adulto quem se "rebaixava" (verbo relativizado em seu sentido, frise-se), se lembrarmos as pantomimas greco-romanas, a comédia dell'arte renascentista, os teatros de bonecos e marionetes etc.

É o Romantismo que vai passar a considerar a criança como um ser diferenciado e lhe prestar maior atenção. Assim, cria-se uma literatura para as crianças, bem como uma dramaturgia e, por consequência, um teatro para crianças.

No Brasil, são escritores consagrados da época, no mesmo projeto do Romantismo e seus desdobramentos, que vão passar a escrever para crianças, tanto livros

de prosa, caso de Figueiredo Pimentel, com *Historias da avozinha*, quanto *Histórias da carochinha*, chegando à dramaturgia para crianças, com um volume batizado como *Teatro infantil*, ainda disponível em sebos, da pioneira editora Quaresma.

Dois dos autores que mais se esmeraram em escrever textos dramáticos para crianças foram Coelho Netto e Olavo Bilac. Coelho Netto havia sido professor de infância, sabia se comunicar bem com as crianças e tratou de trazer temas que ora atualizavam fábulas clássicas, como *A raposa e o corvo*, ora apresentava situações cotidianas envolvendo as crianças e os adultos, como em *O avô* ou *A carta*. Já Olavo Bilac mantinha a elegância da frase, com diálogos curtos e objetivos e textos como *O presunçoso* ou *As bonecas*, tratando dos relacionamentos entre meninos e meninas com certa preocupação pedagógica.

A quebra deste paradigma e a inovação para uma dramaturgia eminentemente lúdica e divertida, sem qualquer preocupação explícita de formação moral, surgiria com Lúcia Benedetti, que estreava em 1948, com *O casaco encantado*, que Paschoal Carlos Magno dirigiu, na interpretação de Henriette Morineaux, para a Cia. Artistas Unidos. Dela são, anda, textos como *A onça e o bode* ou *O balão que caiu no mar*. O Serviço Nacional de Teatro publicou, na década de 1970, quatro volumes com a íntegra de seus textos.

A partir de 1953, teríamos a "revolução" de Maria Clara Machado (filha de Aníbal Machado) que, a partir de seu O Tablado, escola e teatro no Rio de Janeiro, produziria uma dramaturgia de maioridade para as crianças, desde a estreia, com *O boi e o burro a caminho de Belém*, até o inesquecível *Pluft, o fantasminha*, de 1955.

Vamos voltar ao assunto na semana que vem. Creio que seja oportuno trazer à baila este tema: para os adultos se darem conta da importância de levarem os filhos ao teatro; para os dramaturgos se conscientizarem de que não se trata de uma "dramaturgia menor"; para os grupos de teatro atentarem para o fato de que "teatro infantil" não é quebra galho para ganhar dinheiro nem penduricalho de espetáculo adulto, em viagens de temporada.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Sombras

O pessimismo certamente sempre é algo a ser suportado, pois causador de desconforto. Mas o que tem sido visto, com as exceções de praxe, é algo que nos faz pensar em decadência ou então numa crise que certamente será difícil de ser superada. Ainda há excelentes cinemas em Porto Alegre, mas a pobreza da programação mais recente nos fez frequentar salas que há tempos não eram visitadas. O que foi visto é profundamente lamentável, como se dizia antigamente. Pouco adianta se as poltronas são reclináveis, se o ar condicionado funciona, se os cinemas são localizados em centros comerciais modernos. Infelizmente, telas são escuras e mal se pode ver o rosto dos intérpretes. Numa época em que a tecnologia de projeção permite que sejam vistos filmes de forma perfeita, é triste ver telas de cinema dominadas pelas sombras, o que certamente expõe descaso e desrespeito com os espectadores. É até compreensível que muitos espectadores tenham trocado os cinemas pelos recursos que permitem ver filmes em casa, onde, pelo menos, luz e nitidez não faltam nas imagens. Como se não bastasse o acúmulo de bobagens exibidas antes do filme principal - com exceção daqueles personagens que aparecem lembrando que o cinema não é a casa de cada um e que, portanto, deixar o celular ligado é uma forma de expor falta de educação - tudo é prejudicado pelas deficiências na projeção. Estão sendo anunciadas para breve novas e modernas salas de exibição, mas elas só merecerão tal adjetivação se a projeção for perfeita.

Além de tudo isso, a mediocridade do setor é também exposta pela ausência de propostas inovadoras, que permanecem longe das telas daqui. Só raramente aparecem obras de importância, quase sempre exibidas por iniciativas de serviços culturais de países como a França e a Itália, que costumam organizar semanas dedicadas a filmes importantes, nas quais não faltam, por vezes, clássicos reeditados de forma perfeita. Os tempos áureos dos clubes de cinema voltados para a exibição de clássicos, de conhecimento indispensável por conterem inovações

e visões marcadas pela lucidez sobre a sociedade e seus mecanismos, pertencem ao passado. Há certamente grupos de resistentes, mas o interesse por eles parece ter claramente diminuído, substituído por algo que já foi definido como uma volta àquelas revistas interessantes na vida particular de atores e atrizes, uma volta ao que de mais ridículo existia nos anos 40 e 50 do século passado. Tudo isso dá razão aos críticos que advertiam sobre um processo de colonização que parece ter atingido o auge. O tão discutido Glauber Rocha tinha razão ao declarar que não era contra a presença do cinema norte-americano no mercado exibidor brasileiro, pois tal presença exercia importante papel dialético, mas sim a uma devoção que excluía qualquer forma de pensamento crítico. O que diria Paulo Emílio Salles Gomes se contemplasse, hoje, as atividades dos chamados influenciadores digitais falando sobre cinema?

Há excelentes cineastas atuando nos dias de hoje. Alguns concluindo suas carreiras, outros com um futuro pela frente. Filmes de valor continuam sendo feitos. Em algumas cidades do mundo já são feitas projeções a laser e inovações estão transformando o cinema em vencedor na batalha contra o *streaming*. Se o pessimismo impera, principalmente entre os que viveram uma época em que o cinema possuía o monopólio da imagem em movimento, como dizia Fellini, talvez seja possível reverter o processo deletério em curso. Na verdade, os elementos negativos, tão claros atualmente, não se restringem ao cinema. Mais uma vez, agora de forma involuntária, mas de qualquer forma relevante, a tela do cinema expõe uma realidade que coloca diante de todos uma mediocridade avassaladora. Sombras substituem pessoas e caricaturas de figuras reais tomam conta do espaço. E como ainda há lugar para os dissidentes, é melhor afastar o pessimismo, mesmo que tal tarefa seja de difícil execução. Para principiar, permanecendo em nosso setor, é necessário que as salas de projeção não sejam limitadas por cuidados com elementos exteriores e que as telas sejam enriquecidas pela luz e a nitidez.

fique ligado

Marcelo Gross antecipa DVD ao vivo em single

Marcelo Gross e sua banda gravaram ao vivo o DVD *Grossroads* em duas noites no Teatro de Câmara Túlio Piva em Porto Alegre, em março de 2024. O guitarrista, um dos fundadores da banda Cachorro Grande, repassou grandes sucessos de sua produção autoral. Nesta sexta-feira, chega às plataformas digitais o primeiro single do disco, a faixa *Alô, Liguei*. O lançamento é do selo Ímã Records.

Além de hits que compôs em seu período como guitarrista da Cachorro, Gross fez releituras de parte de seu extenso trabalho solo no disco. Foram executadas canções dos quatro álbuns que ele já lançou: *Use o Assento para Flutuar*, *Chumbo & Pluma*, *Tempo Louco* e *Exilado*. Gross foi acompanhado por Eduardo Barretto



ÍMÃ RECORDS/DIVULGAÇÃO/JC

Versão de *Alô, Liguei* chega às plataformas digitais nesta sexta-feira

no baixo, Lucas Leão na bateria e Jimmy Pappon nos teclados.

Marcelo Gross também está lançando o livro *Grosswords*, que está em campanha de pré-ven-

da. Os dois projetos tem o mesmo DNA roqueiro do guitarrista gaúcho, um nome sempre presente entre os grandes personagens do rock brasileiro.

Trio MusicArt na série Concertos Capitólio

A terceira apresentação da série Concertos Capitólio da temporada 2024 acontece neste sábado às 11h, com o Trio MusicArt, formado por Diego Grendene (clarinete), Rodrigo Alquati (violoncelo) e Olinda Alessandrini (piano). No concerto, que acontece na Cinemateca Capitólio (rua Demétrio Ribeiro, 1.085) com entrada franca, serão

apresentadas obras dos compositores alemães Ludwig van Beethoven (1770-1827), Robert Schumann (1810-1856) e Johannes Brahms (1833-1897). A apresentação comemora o aniversário de 200 anos da imigração alemã no Rio Grande do Sul. A abertura do concerto será feita pelo jovem pianista Lorenzo Meller Conter.

Shows solidários em prol do Estúdio Roots

Há mais de duas décadas o estúdio Roots (avenida Polônia, 394), localizado no 4º Distrito, é reconhecido na cena *underground*. Diz-se que todo roqueiro da capital e região já ensaiou ao menos uma vez no local. Por isso, no domingo, a partir das 17h, o Divina Comédia (rua da República, 649), recebe as bandas Gueppardo, Spades Vandall e The Frostbitten para

shows em prol do estúdio, que foi atingido pelas cheias em Porto Alegre. O Metal Union tem a ideia de ajudar o proprietário do estúdio, Fabio Bahi Klein, a se reerguer, unindo alguns apoiadores da cena local. Os ingressos estão disponíveis pelo valor de R\$ 30,00 pelo Pix (51) 99157-7851. No evento, haverá sorteio de uma tatuagem no valor de R\$ 700,00.

Canalizando a voz e a alma de Elis Regina

Após uma longa temporada em Portugal, a cantora Rê Adegas retorna a Porto Alegre com um show para celebrar Elis Regina, neste sábado, às 21h, no Espaço 373 (rua Comendador Coruja, 373). *Voz e Alma: Tributo a Elis Regina* contará com a participação de Antonio Flores (guitarra), Edu Saffi (bai-

xo acústico), Luiz Mauro Filho (piano) e Marquinhos Fê (bateria). Os ingressos estão disponíveis no Sympla e custam de R\$ 30,00 a R\$ 90,00.

Com voz marcante, Rê apresenta um repertório com canções icônicas, como *Alô Alô Marciano*, *Atrás da Porta*, *Como Nossos Pais*, e *O Bêba-*

do e o Equilibrista. Em 2018, Rê Adegas participou do The Voice Brasil, conquistando Carlinhos Brown, e, em 2023, do The Voice Portugal. Com dois álbuns lançados, *Sambô* (2008) e *Falando de Amor* (2020), a artista prepara um álbum autoral e com canções de outros compositores.

O ritmo que governa todos os sons

Os artistas Loua Pacôm Olai e Felipe Merker Castellani são a atração do projeto Ecarta Musical deste sábado, às 18h. O show *Tudo é ritmo* ocorre na Fundação Ecarta (avenida João Pessoa, 943) e é uma criação inédita autoral com musicalidades inspiradas no conhecimento musical e filosófico das culturas africanas e da diáspora. A entrada é franca e são bem-vindas doações de alimentos para a Cozinha Solidária Ecarta. O evento também terá transmissão ao vivo pelo YouTube da Fundação.

A instrumentação do espetáculo é composta por djembe, dununs (kenkeni, sangban e dununba), mbira nyunga nyunga, djeli ngoni, vozes e

instrumentos eletrônicos que interagem numa única trama, organizada a partir de ciclos

que ora se repetem e ora se desdobram em novas formações musicais.



BRUNA FRAGA/DIVULGAÇÃO/JC

Felipe Merker Castellani e Loua Pacôm Olai tocam na Fundação Ecarta



reportagem cultural

Uma soma de vivências

João Vicente Ribas, especial para o JC *

Clarissa Figueiró Ferreira nasceu no hospital militar de Bagé, em 29 de abril de 1987. Filha do funcionário público municipal Armandino Lima Ferreira e da professora de música Marta Marília Gonçalves Figueiró Ferreira, tem um irmão, Márcio.

Aos sete anos começou a vida artística, no Instituto Municipal de Belas Artes (Imba), onde fez 10 anos de balé clássico. A partir desse contato, começou a estudar violino, integrou orquestra e foi fazer faculdade em Pelotas.

Concluiu graduação em Música pela UFPel em 2011. A seguir, fez mestrado em Etnomusicologia na Ufrgs, apresentando a dissertação *Campeirismo musical e os festivais de música nativista do sul do Brasil: a (pós)modernida-*

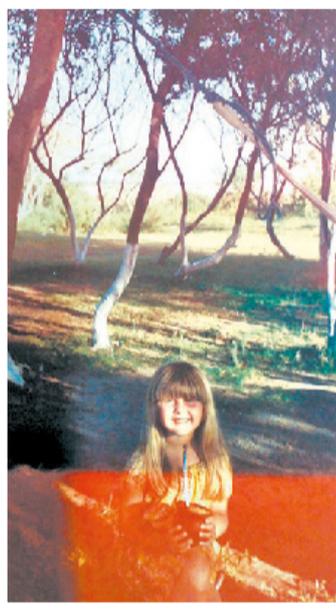
de (re)construindo o "gaúcho de verdade" (2014). No doutorado, na Unirio, defendeu a tese *"Toca um jazz no galpão": a construção de identidades musicais e profissionais na cena musical independente do Rio Grande do Sul* (2018).

Foi professora substituta na Ufrgs e atualmente é na UFPel. Ao mesmo tempo, cursa graduação em História e está escrevendo sobre uma perspectiva decolonial sulina.

De acordo com o amigo Zelito Ramos, compositor de canções interpretadas por nomes como Shana Müller e Daniel Drexler, "a obra da Dra. Clarissa Ferreira é a soma de suas vivências, como pesquisadora inquieta e questionadora, e como musicista no Movimento Tradicionalista Gaúcho e nos festivais nativistas". Zelito acredita que suas abordagens são

bem fundamentadas e acabam por colocar em xeque temas considerados tabus da nossa cultura. "O resultado é um trabalho artístico-pedagógico potente, capaz de impactar no comportamento da sua geração e contribuir positivamente na formação identitária das futuras gerações."

ARQUIVO PESSOAL CLARISSA FERREIRA/REPRODUÇÃO/JC



Clarissa Ferreira começou a vida artística na infância; em seu trabalho, pesquisadora e artista andam lado a lado

Música ecofeminista gaúcha e brasileira

O multipalco do Theatro São Pedro em Porto Alegre recebeu nos dias 4 e 5 de abril o lançamento do disco *LaVaca*, de Clarissa Ferreira. Quando o show ia começar a circular pelo Estado, vieram as chuvas e enchentes. Agora, a artista está engajada no coletivo RS Música Urgente, que visa propor soluções para a cadeia produtiva.

Lucas Ramos, que produziu *LaVaca* ao lado de Fabricio Gambogi, demonstra perplexidade diante do fato de um disco fortemente ligado à defesa do meio ambiente ter saí-

do um mês antes de acontecer toda a catástrofe. "Que seja para trazer luz, para discutir e falar com mais propriedade", deseja.

Lucas é médico, baterista e namorado de Clarissa há oito anos. "Vim bastante junto dela, desde os singles, muitos produzidos aqui no nosso estúdio, que a gente construiu juntos", relata. Sua participação também alcança as composições: "a minha parceria, na verdade, é uma ideia ou outra, que eu dou no café da manhã". Lucas comenta a generosidade de Clarissa, ao trazer muitas pessoas

para o trabalho e para a convivência. "Eu brinco que ela é um grande *hub* do gauchismo moderno, dessa ideia da quebra de preconceitos e a questão do cuidado com o meio ambiente", afirma.

Integrante da equipe artística do espetáculo, a bailarina Emily Borghetti comenta que trabalhar com a Clarissa é uma aula de criar, prospectar e viabilizar. "Aprendo muito com essa força realizadora que ela tem, que se desdobra em livro, zine, projeção de vídeo, blog, conteúdo pra rede social, poesia, performance", atesta.



Clarissa Ferreira em um dos shows de lançamento do álbum *LaVaca*

Sonoridades da cena feminina

A pianista, cancionista, pesquisadora e professora da Ufrgs, Isabel Nogueira, também estima a atuação de Clarissa na articulação das redes. "Porque não é fácil se colocar, lançar um disco", diz. *LaVaca* levou quatro anos de produção, incluindo composição, financiamento coletivo, gravação e lançamento. Isabel acompanhou o processo e uma criação coletiva que envolveu as duas em 2022 acabou sendo incluída. A canção *Chinaredo de Alpargata* partiu da provocação de Isabel durante o festival Peitaco, de trazer e se apropriar de palavras "menos bonitas de estar numa canção". Esse tipo de provocação para a composição já era recorrente quando Isabel Nogueira foi professora de Clarissa na graduação. "Mulheres não precisam ter apenas um rótulo", acredita.

A propósito, percebe uma cena feminina pulsante hoje, em que uma artista inspira a outra. E cita nomes como Dessa Ferreira, Nina Nicolaiewsky, Gabriela Lery, Viridiana, Rita Zart, Paola Kirst, Ana Matiello, Nina Fola, Tamiris Duarte, entre outras. "Elas se encontram, dividem o palco e o estúdio, participam de projetos e incubadoras de ideias. Me parece

que tem uma busca pela coletividade e Clarissa é uma liderança desses modos de fazer", conclui Isabel.

A principal parceira de Clarissa hoje é Ana Matiello. Elas se conheceram na pandemia, através de uma oficina de compositoras, e agora estão preparando um disco em dupla, a ser lançado ainda neste ano. Na vida acadêmica, Ana avalia que a parceira contribuiu para abrir caminhos para uma etnomusicologia feminista local no Sul, "em trazer as pautas que estão ocorrendo na atualidade e também pensar nesta ponte com diversos públicos, em como tornar os movimentos de melhor bem viver, ecológicos, feministas, antirracistas, em prol das relações sociais-musicais."

Na avaliação de Isabel Nogueira, *LaVaca* contém elementos que não estariam na música regional, como as sonoridades eletrônica e erudita. Com isto, lembra que há uma inquietação presente, de se pensar a produção gaúcha mais inserida no Brasil. Neste contexto, a pesquisadora sabe que Clarissa deseja ser ouvida fora daqui e acredita que "seu disco pode ser ouvido como música brasileira".

As obras de Clarissa

LaVaca (Independente, 2024)

Disco de estreia de Clarissa Ferreira, reúne canções que abordam o feminismo, o racismo e a preservação da natureza. Contém diversas parcerias, entre elas um poema musicado de Mario Quintana. Também conta com duetos, ao lado de nomes como a uruguaia Ana Prada, a paulista Rhaissa Bittar e os gaúchos Loma e Vitor Ramil.



Gauchismo Líquido (Editora Coragem, 2022)

Compêndio de ensaios de Clarissa Ferreira traz reflexões contemporâneas sobre a cultura do Rio Grande do Sul. Entre os temas abordados no livro, o hino rio-grandense, a Teiniaguá, o termo "prenda" e a sexualidade no tradicionalismo.



VITÓRIA PROENÇA/DIVULGAÇÃO/JC

DIVULGAÇÃO/JC

“Não é nada demais botar um beat numa milonga”

No intervalo entre compromissos acadêmicos e solidários, nos abrigos para desabrigados pelas enchentes, Clarissa Ferreira concedeu esta entrevista em seu apartamento em Porto Alegre, onde vive com o namorado Lucas Ramos e a gata Hermeta Jurema. Sua fala perpassa inquietações, vivências e a situação de emergência em que se encontra o Estado.

Jornal do Comércio - Teu avô era radialista? Como foram teus primeiros contatos com a música?

Clarissa Ferreira - Meu avô materno, Artaxerxes Figueiró, era radialista de um programa precursor, na Rádio Difusora, em Bagé, com a temática regionalista. Foi um super incentivador do meu caminho na música. Mas eu não tenho a vivência da cultura gaúcha dos CTGs lá de Bagé. Minha família não vem desse movimento. Eu fui ter esse contato posteriormente, como profissional. Eu sempre fico tentando buscar essas memórias, das músicas que eu ouvia nesse tempo, das nossas vivências cotidianas, os churrascos de domingo.

JC - Que repertório tu recordas?

Clarissa - Bah, *Vitória Régia* (de Wilson Paim) tocava muito quando eu era pequena. O meu tio também levava uma coletânea de discos em vinil, que tinha vários clássicos daquele período. Eu fui conhecer mesmo o repertório depois, quando comecei a conviver com músicos e pesquisadores, a entender as músicas uruguaias e argentinas.

JC - E pela música brasileira, quando começou teu interesse?

Clarissa - Quando eu comecei a consumir música de uma forma mais consciente, foi MPB, Elis Regina, Chico Buarque, Djavan. Lembro que os primeiros downloads que eu consegui fazer, era para ouvi-los. Foi um *start* para querer estudar música, principalmente pela letra. Os acontecimentos históricos que eu começava a conhecer pelas canções, tudo isso me fez despertar. A música poderia me ensinar em vários aspectos, é conhecimento puro.

JC - Mas tu começaste como instrumentista. Como foi a transição para a canção?

Clarissa - Eu já estava bem adiantada na graduação, no violino, e entrei em crise. Acho que é muito comum um estudante de música entrar em crise. Pois a graduação ainda está com uma raiz

muito colonial, erudita, e a gente vem de outras vivências, e acaba se afastando do que nos aproximou da música. Num momento, não tinha ânimo para pegar o violino, e tinha um repertório para cumprir todo semestre na faculdade. Foi um momento bem paradigmático, vendo que a música que eu tocava era uma e a música que eu ouvia era outra. Não fechava.

JC - Da crise, tu chegas ao lançamento do primeiro disco. Hoje tu tens uma identidade definida, dentro de um gênero específico?

Clarissa - É uma questão que eu penso bastante. Fico tentando não me definir, mas me compreender para que isso ajude outras pessoas a compreender também qual é o meu trabalho. É uma necessidade que a gente tem por viver num mercado e num processo com tantas ferramentas de comunicação. Como é que a gente faz, de forma eficaz, para chegar nas pessoas com a nossa mensagem? Ao longo desses três anos de gravação, fui pensando muito nisso, já tinha uma proposta desde o início, e ela se concretizou.

JC - Que proposta é essa?

Clarissa - É fazer um trabalho que bebesse da fonte do regionalismo, pensando-o como uma construção social, localizada no Rio Grande do Sul. Mas também numa forma antropofágica, de pegar tudo isso e digerir. E eu me identifico com isso, de criar com esses ritmos e fazer milonga do meu jeito, do jeito que eu entendo ela, do jeito que eu consigo. Não tem um peso, no sentido de eu ter que corresponder a uma expectativa sobre uma tradição. Tento ver hoje isso de uma forma leve. Penso que eu faço música ecofeminista. Música gaúcha feminista. Várias formas, né. Música pós-gaúcha. Já usei, já escrevi sobre isso. Também é música popular gaúcha, que é um termo que já estava aí.

JC - Teu disco começa com uma levada bossa, com programações, que remete a artistas contemporâneos da MPB. É uma forma de dialogar com uma cena?

Clarissa - Com certeza. Acho que é natural também, porque as músicas que eu consumo fazem uso dessas sonoridades. Até então, parecia que era um pouco proibido. E não é nada demais botar um beat numa milonga. Mas, já que parece proibido, vamos fazer pra ver como é que fica. Tem um pouco disso. Acho que o disco é provoca-

tivo, descaradamente. As músicas trazem essa questão, às vezes com humor, às vezes uma crítica bem forte e direta. E que se resignificou agora, pós-maio de 2024.

JC - Tu já pensaste o disco como música de protesto?

Clarissa - É, eu acho que vem dessa ideia, mesmo. Inclusive, o protesto foi ficando um pouco mais delicado com o tempo, na minha composição. Porque a primeira que eu lancei foi *Manifesto Líquido*, que é curta e grossa na mensagem, falando sobre o machismo na cultura gaúcha. Mas ao longo desse meu curto tempo de compositora, desde 2016, fui tentando chegar numa linguagem um pouco mais acessível.

Enfim, o disco vem nesse sentido de protesto. Porque vem marcar que é um disco criado por uma mulher, nesse contexto regionalista, e afirmando uma bandeira mesmo. Tivemos muitas mulheres que fizeram. Mas os discos considerados canônicos são compostos por homens. E até quando falam de mulheres, são também escritas masculinas falando sobre. Nesse contexto, o que era pra ser só uma questão de gênero, nunca é. Porque, quando a gente fala de feminismo, é sobre repensar todo um sistema possível, de vida para nós, para os animais, para todos os seres.

JC - E teu disco foi lançado um mês antes da catástrofe climática.

Clarissa - Ninguém imaginava o que aconteceu em maio. E mudou um pouco o meu entendimento. O que eu cantava com um pouco mais de raiva, hoje eu canto com um pouco mais de dor. Porque o que a gente cantava acabou se tornando realidade muito rápido. Agora, fico pensando sobre criticar o Rio Grande do Sul. Porque o meu trabalho é uma crítica à cultura hegemônica do Estado. De que forma a gente pode continuar fazendo isso, num momento de fragilidade? De não cutucar a ferida, mas sim mostrar outras formas de existir. Eu acho que esse é o grande desafio. Pensar em possibilidades de continuar mirando um horizonte.

JC - No teu livro, chama atenção a análise sobre Berenice Azambuja. Tu tens a preocupação de trazer para o debate assuntos que não estão sendo tratados?

Clarissa - Sim. Muito disso se dá por eu ser da etnomusicologia, da gente pensar na música como uma ferramenta de melhoria social. A música pode nos dizer muito

sobre os rumos que se tem tomado. Acabei voltando pra buscar histórias de mulheres que construíram seus caminhos num contexto diverso - talvez pior que o nosso hoje. Porque não acho também que a gente melhorou muito na questão desse machismo musical. Mas a Berenice foi uma personagem para pensar nessa transgressão, para se inspirar e perceber como hoje ainda existem preconceitos e falta de interesse em conhecer a história de algumas pessoas - histórias que nos falam tanto, como da Berenice, da sua sexualidade, da forma como ela lidava, de uma forma muito inteligente, para conseguir estar dentro desses espaços.

JC - Hoje, o contexto é de mais coletividade do que era para a Berenice?

Clarissa - Acho que sim, por uma questão de necessidade. A Berenice conseguiu gravar muitos discos, por gravadoras. Então, o contexto era bem mais favorável. Isso falando em junho de 2024, no Rio Grande do Sul, onde a gente está tendo que reestruturar toda a cena. A gente está num momento de

precarização do trabalho musical. Já não vinha muito bem e ainda passa por isso tudo. Todo mundo sendo obrigado a parar, por cancelamento de agenda. A única forma da gente vislumbrar um futuro é a partir dessa coletividade.

JC - Para quem não está dentro do circuito dos festivais, como é lançar um disco e encontrar o público?

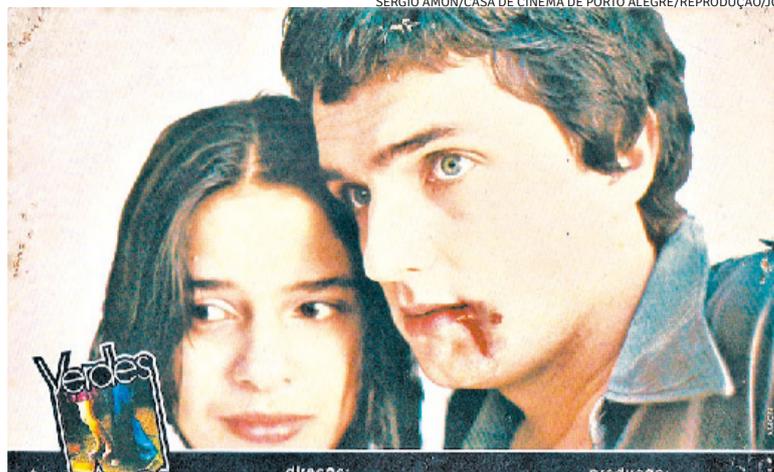
Clarissa - É uma descoberta. Eu tenho focado mesmo num outro público que não é do circuito dos festivais nativistas. E nem dos shows regionalistas, não me vejo nesse espaço. Já tenho uma outra entrada, que é nas feiras de livros, esses outros espaços de música autoral independente, que é um circuito efervescente no Brasil e toda América Latina. Eu tinha muitas expectativas com esse lançamento. Trabalhei incansavelmente e tinha planos de tocar em vários lugares do País. Ainda é um desejo. Mas também sinto a necessidade de tocar para quem está perto. Porque acho que pode dar um acalanto, nesse contexto que a gente está vivendo.



Clarissa Ferreira: “Muitas mulheres fizeram, mas canônicos são os homens”



nas telas



Clássico do cinema gaúcho terá sessão única na Cinemateca Capitólio

Celebrando quatro décadas de Verdes Anos

A Associação de Amigos e Amigas da Cinemateca Capitólio (AAMIC-CA) fará uma exibição comemorativa de 40 anos do filme *Verdes Anos* (1984), de Carlos Gerbase e Giba Assis Brasil. Ela será realizada no sábado, às 18h, na Cinemateca Capitólio (rua Demétrio Ribeiro, 1.085) e contará com a presença do diretor Giba Assis Brasil e da atriz Márcia do Canto, que após a projeção farão debate com a mediação de Rafael Valles. O filme será exibido no seu formato original, em

35mm, e a entrada é franca. Marco na história do cinema gaúcho, o filme assinalou o momento de profissionalização da dupla de diretores, egressos do movimento Super-8, transformando-se em objeto de culto para toda uma geração. Inspirado em um conto do escritor Luiz Fernando Imediato, *Verdes Anos* acompanha as peripécias de um grupo de jovens que vive em uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, no auge da ditadura militar.

Camadas humanas no Aeroporto de Guarulhos

Escrito e dirigido pela dupla Flora Dias e Juruna Mallon, *O Estranho* chega aos cinemas após trajetória de destaque em festivais internacionais. O principal cenário do longa é o Aeroporto de Guarulhos (SP), construído sob um antigo território indígena e que conta com 35 mil trabalhadores para o funcionamento diário. Nesse espaço,

Alê (Larissa Siqueira) tem sua vida atravessada pelas origens do aeroporto e por rastros de um passado em constante transformação. Seguindo personagens cujas vidas se cruzam no dia a dia, o olhar se fixa não sobre aqueles que passam, mas sobre o que permanece num local impregnado pelas feridas originárias de um país.

A alegria de ser o que se é

Tudo o que você podia ser, de Ricardo Alves Jr., acompanha o último dia em Belo Horizonte de Aisha, que está se mudando para estudar em São Paulo. Uma despedida que se desenrola na companhia de suas melhores amigas: Brama, Igui e Will. Através das interações cotidianas entre as personagens, todas

conectadas ao universo trans, o filme oferece um retrato afetuoso da família que escolhemos construir por meio do valor da amizade, mesclando elementos ficcionais e documentais em seu roteiro, aproximando o público de forma sensível e intimista das experiências de corpos dissidentes.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Substância produzida no fígado a partir de gordura saturada	Adorno de caciques	O maior desejo do inquilino	O culto que une várias religiões	Alugar, em inglês	Principal música da novela	Erupção cutânea comum no verão	Filme de Ingmar Bergman
Provéem da experiência, segundo o Empirismo				Google			
							Perfume (poét.)
Que é passível de troca							
					Líquido para polir metais dourados (?) Foscolo, poeta italiano		
Ferramenta de escultores		(?) Kobra, grafiteiro e muralista					
Prenome comum no Oriente Médio	Qualificação do crime de sequestro	Agenciar tratados	Jogo típico de festas juninas				
Órgão muscular que armazena a bilis					Lília Teles, jornalista brasileira		Sua Alteza Real (abrev.)
						Risco do Gabinete, no Parlamentarismo	Vitamina que previne a oxidação da célula
Identificar uma enfermidade							Arrasa; devasta
			Recepcionam clientes nos restaurantes		Sarrafo Instituto de meteorologia		
Ponto mais alto da montanha		Cidade alemã às margens do Reno					
Cada movimento feito no origami				Santa (?), padroeira da pureza		Ave nos jardins do Palácio da Alvorada	
			Memória volátil (Inform.)				
Som anormal do coração (Med.)	Que não sofreu prejuízo		Impulso			Título de Abraão	Adoçante natural
Queijo artesanal do sudoeste de Minas							(?)4, formato de folhas de papel

BANCO — 4/caol — rent. 5/habib. 6/badame. 7/matres. 14/o ovo da serpente. 26

SEUS PASSATEMPOS PREFERIDOS SEM SAIR DE CASA

#FaçaCoquetel @editoracoquetel @coquetel

ASSINE AGORA! www.coquetel.com.br

Solução

A	V	R	S	N	V	C	
L	E	M	E	N	D	N	I
O	I	P	M	I	O	P	O
S	N	V	N	V	B	O	D
S	S	E	R	A	R	R	N
A	P	R	I	C	O	P	O
R	C	A	S	T	O	G	D
E	V	L	U	C	I	S	V
S	A	B	I	R	H		
A	R	C	O	G	E	N	C
O	V	A	R	D	U	R	A
L	O	C	A	M	E	N	B
O	A	V	I	U	M	O	C
O	T	N	M	E	C	E	N
O	L	T	E	R	O	C	
R	U				S		

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: Você está mais comunicativo, refinado e disposto ao relacionamento, em especial ao que lhe seja instigante. Que isso alimente sua alma, que aqueça seu coração.

Touro: Necessidade de encontrar prazer e bem estar físico. Você tende ao sensualismo, e que este não apague o sentimento de que o verdadeiro conforto vem do coração.

Gêmeos: Você pode encontrar pontos de especial afinidade com as pessoas, e que estes ajudem-no a encontrar o que de mais essencial possa preencher este momento de sua vida.

Câncer: Tomara que as adversidades reforcem seu espírito combativo e que você encontre na luta a alegria. Os desafios são materiais, mas a luz com que lida com eles vem de outro plano.

Leão: É tempo de pensar em profundidade, descobrir novos conteúdos e explorar o potencial criativo de sua mente. Não fique somente na superfície dos pensamentos.

Virgem: Em seu trabalho, pode estar se operando alguma mudança importante. Colabore, deixe-se colocar nos lugares que necessitam de sua capacidade de servir e de cuidar.

Libra: Há algo a ser descoberto e melhor compreendido nas relações afetivas. Suas próprias sensações, sempre tão envolventes, podem agora ser mais bem conhecidas.

Escorpião: As dimensões para o além, que tanto lhe fascinam, hoje estão ao seu alcance. Para isso, milagre ou mágica precisa se dar. Acredite que algo possa vir de outro plano.

Sagitário: Aproxime-se efetivamente das pessoas queridas. A relação a dois está em momento culminante. Você mostra uma face nova de sua identidade para as outras pessoas.

Capricórnio: A Lua Cheia estimula o trabalho, faz ganhar em produtividade. Mas que este seja o reflexo de uma contribuição maior que você traga para melhorar o mundo.

Aquário: É tempo de exprimir os sentimentos amorosos e comunicar as emoções. De modo a que estas traduzam o que de mais real esteja vivo em seu coração.

Peixes: Um dia favorável para melhorar seu lar, sendo que embelezar a casa deve incluir a participação dos demais, e que seja reflexo do desejo de envolver a todos que acolhe.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Anatomia da depressão

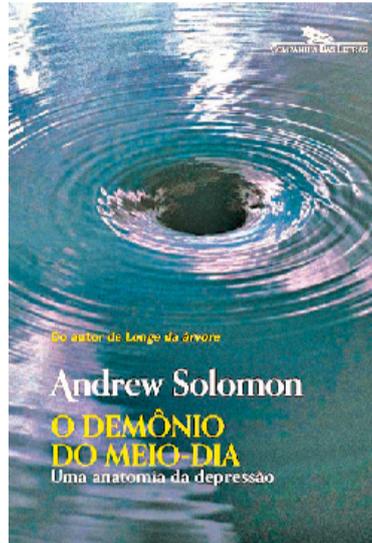
Há quem diga que a depressão é o mal do século ou, ao menos, das últimas décadas. Os índices da doença e dos suicídios, em nível internacional, são preocupantes. Nos Estados Unidos, 6% da população sofre de transtornos de depressão e o Brasil é o País com maior taxa de depressão na América Latina. A Organização Mundial da Saúde fala em 264 milhões de pessoas no mundo afetadas pela depressão e que, em 2030, ela será a doença mais comum do mundo.

Pessoas e instituições públicas e privadas estão envolvidas com o tema, em muitos países. *O Demônio do Meio-Dia* (Companhia das Letras, 584 páginas, R\$ 57,00), de Andrew Solomon, norte-americano, professor da Columbia University Medical Center e consultor de saúde mental da Yale, lançado em 2000, segue referência no assunto e tem sido editado no Brasil com tradução de Myriam Campello.

Pela sua amplitude temática e pela forma e conteúdo, a obra é um verdadeiro tratado sobre um mal que, em priscas eras, era visto apenas como melancolia e não era objeto de estudos aprofundados. A obra de Solomon foi eleita como um dos cem melhores livros da década de 2000 pelo jornal britânico *The Times*, venceu o National Book Award, foi finalista do prestigioso Prêmio Pulitzer e tornou-se *best-seller* internacional, publicada em mais de vinte línguas.

A partir de suas memórias pessoais, inúmeras entrevistas e de muitos estudos e leituras, Solomon convida, com rara humanidade, humildade, sabedoria e erudição, os leitores a uma jornada sem precedentes pelos meandros de um dos assuntos mais espinhosos, significativos e complexos de nossa atualidade. É uma leitura obrigatória para quem sofre ou conhece alguém que sofre de depressão.

Solomon fala de tratamen-



tos, de medicações, de tratamentos alternativos e do impacto da doença nas várias populações demográficas. Solomon ensina sobre as implicações históricas, sociais, biológicas, químicas e médicas da depressão. A obra é abrangente, corajosa, humana, plena de compaixão e importante nesses momentos de tantas crises pessoais e coletivas.

e palavras...

ACABOU O PAVIO

Sim, pode acreditar, houve um tempo em que algumas pessoas tinham o famoso “pavio curto”, eram chamadas de estouradas, esquentadas e sangue quente. Dizem que eram algumas, não muitas, as tais pessoas, que não tinham paciência para aguentar conversas, desaforos e outras coisas que não gostassem nos outros. “Não levo desaforo para casa”, “dou um boi para não entrar numa briga e dou uma boiada para não sair dela”, “quem diz o que quer, ouve o que não quer” eram algumas máximas dos esquentadinhos.

Hoje quase todo mundo parece ou é mesmo esquentadinho. Todo mundo com os nervos para fora da pele. Antes era nervos à flor da pele. Uma vez Hassan Rohani, na época presidente do Irã, foi à Itália. Os italianos, para não se estressarem mais do que o normal e, quem sabe, fazerem negócios de bilhões com o Irã, cobriram com caixas brancas estátuas de deuses gregos, romanos e nus femininos. Rohani poderia se ofender com os marmóreos genitais... Brillat Savarin disse que, quando a gente recebe alguém, deve fazer tudo para o convidado se sentir feliz em nossos domínios. Será que os gringos estavam certos? Interesseiros? Jeitosos? Ou será que se humilharam? Você decide.

Já em Paris, certa ocasião, estava marcado um almoço com o presidente da França e o presidente Hassan. Os iranianos disseram que não podia aparecer vinho ou outra bebida alcoólica na mesa. Dizem que os franceses são os italianos mal-humorados. Pode ser brincadeira ou estereótipo,

mas si non é vero, é bem tratado. Imagina não pintar um vinhozinho em Paris, onde até uma loja do McDonald's teve que abrir exceção e servir vinho. Os franceses cancelaram o almoço absterm-se. E aí? Estavam certos? Deveriam ter tomado refri e água com os trilionários ou, quem sabe, poderiam ter tomado o vinho escondido no banheiro ou na cozinha. O lance não ficou legal. Os franceses podem ter perdido um baita negócio e os iranianos não degustaram as iguarias que os italianos ensinaram os franceses a fazer, há uns séculos atrás, quando Maria Antonieta reclamou da comida e mandou chamar uns chefs lá da Bota.

Esses tempos, uma mulher xingou feio um senhor no Big Brother porque ele estava dormindo de cuecas, na cama, ao lado dela. Pavio curto? Ou nenhum pavio? Depois os dois se desculparam e deram assunto para o antigo programa matinal da Fátima Bernardes. Ele ameaçou processar a esquentadinha.

Todo mundo anda falando tudo, toda hora, em qualquer lugar, bem alto. Aquela coisa de falar um por vez - quando um burro fala o outro murcha as orelhas - dançou. Aquela regra de ficar a um metro de distância dos outros, não ficou. Falar baixo, agir com delicadeza, anda escasso. Tomo mundo quer ter “atitude”, e tipo assim, atitude nova-iorquina, bem cheguei, bem trio elétrico, patola. Para que esperar o outro terminar de falar? Para que pensar que a vingança é um prato que se come frio? Hoje a galera quer comer o fígado do inimigo bem quentinho, na horinha.

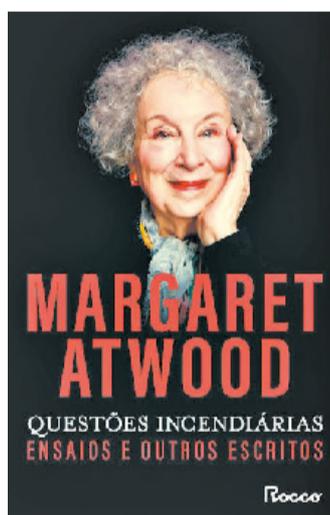
lançamentos



► **Escola da complexidade – Escola da Diversidade – Pedagogia da Comunicação** (L&PM Editores, 256 páginas, R\$ 32,00), do professor universitário, jornalista e escritor Juremir Machado da Silva, fala do lugar da escola num mundo de mudanças, imagens, algoritmos, diferenças e inteligência artificial. Horizontalidade, liberdade, complexidade e diversidade estão aí.



► **A coragem de ser quem você é (mesmo não goste tanto disso)** (Editora Planeta-Academia, 208 páginas, R\$ 57,00), de Walter Riso, italiano, psicólogo e autor de livros de sucesso, é um livro para rebeldes que amam sua individualidade e pretendem exercê-la com liberdade e plenitude.



► **Questões incendiárias – Ensaios e outros escritos** (Editora Rocco, 576 páginas, R\$ 134,00), de Margaret Atwood, celebrada e premiada escritora, poeta, crítica literária e ensaísta canadense, apresenta uma série de ensaios sobre temas como: porque as pessoas contam histórias, quanto você e eu podemos nos doar sem sumir, como podemos viver no planeta, o que é a verdade e o justo e o que tem a ver zumbis com autoritarismo.

a propósito

Antigamente havia manuais de boas maneiras. Célia Ribeiro, Danuza Leão, entre outras, escreveram livros sobre conviver em sociedade e alguns foram *best-sellers*. Estão fora de moda. Algumas regras e dicas permaneceram, mas, no geral, as pessoas se comportam como bem entendem. Sim, não há sociedades sem regras, mas ultimamente há falta de regras em

quase todos os setores, públicos e privados. A vida é curta, passa rápido, melhor entender que somos anjos de uma asa só, que dependemos dos outros para voar. Quando encontramos com alguém, é bom sair melhor do que quando chegamos. Não perca, não encurte seu pavio, aumente-o. Conte até mil. Será melhor para vocês e para o mundo. (Jaime Cimenti)

pensando cultura

Como a intensidade teatral de Chico Buarque aparece em suas músicas

No início de 1965, o grupo estudantil de teatro ligado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o TUCA, estreou *Morte e Vida Severina*, a partir do poema teatral de João Cabral de Melo Neto. Como conta Paulo Bio Toledo para a Folhapress, o espetáculo fez sucesso, viajou para o Festival de Teatro Universitário de Nancy, na França, e ajudou a reanimar formas de arte críticas e políticas num Brasil ainda atordoado após o baque que fora o golpe militar de 1964. Uma parte crucial da comição causada pelo espetáculo foram as canções criadas a partir do poema por um jovem compositor e estudante de arquitetura chamado Francisco Buarque de Hollanda.

Já no ano seguinte, a carreira musical de Chico Buarque (que, na última quarta-feira, comemorou 80 anos de vida) ascenderia rápido como um foguete. Em 1966 ele grava o seu primeiro disco e a canção que abre o LP, *A banda*, divide o primeiro lugar do Festival de Música Popular Brasileira na TV Record com *Disparada* de Geraldo Vandré e Théó de Barros. A partir daí, o músico ocupa as paradas de sucesso das rádios, vive entre shows e programas musicais na TV e vende discos como poucos.

Mas apesar da entrada veloz e

intensa do compositor nos circuitos da canção popular, sua conexão com o teatro não se desfez. Pelo contrário. Dos anos 1960 até o início da década de 1980, Chico Buarque escreveu um conjunto de peças que se tornaram clássicos do teatro moderno brasileiro. Além disso, compôs trilhas para vários espetáculos e foi interlocutor constante de importantes artistas e pensadores do teatro brasileiro, como seu amigo Augusto Boal, diretor do Teatro de Arena nos anos 1960 e o remetente de sua carta-canção *Meu Caro Amigo*, lançada em 1976, quando Boal vivia no exílio.

Algumas de suas mais emblemáticas composições do período estão ligadas ao seu trabalho com teatro, como *Roda Viva*, *Tatua-gem*, *Fado Tropical*, *Mulheres de Atenas* (que Chico compôs a pedido de Boal, para a adaptação que o diretor escrevia da comédia *Lisístrata* de Aristófanes), *Folhetim* ou *Geni e o Zeppelin*, a formidável releitura da canção *Seeräuber-Jenny* que Bertolt Brecht e Kurt Weill compuseram para a *Ópera de Três Vinténs*.

A conexão entre Chico Buarque e o mundo do teatro nos anos 1960 e 1970 não foi um caso isolado. Era um momento em que teatro e canção andavam juntos no

Brasil. Foi no espetáculo *Opinião*, por exemplo, que Maria Bethânia despontou, em 1965, ainda muito jovem, com sua espantosa interpretação de *Carcará*, música de João do Vale. Alguns dos grandes hinos da canção de protesto no início da ditadura foram criados para os palcos do teatro ou impulsionados por espetáculos musicais, como *Tempo de Guerra*, de Edu Lobo, composta para *Arena conta Zumbi*.

No Festival de 1967, Chico foi um dos finalistas com *Roda Viva*, canção que empresta o nome e é o coração da primeira peça de teatro escrita pelo músico. A peça é uma paródia da indústria fonográfica e do processo trágico de mercantilização das canções (mesmo as de protesto) e dos estilos musicais no período. Ou seja, o artista que vivia o estouro de sua carreira musical, alavancada pela milionária indústria de discos, escreve uma peça de teatro que mostra essa mesma indústria espremendo até o limite e depois descartando um músico popular. O teatro feito de espelho crítico do lugar que o próprio autor ocupava como músico.

José Celso Martinez Corrêa, diretor do Teatro Oficina, foi convidado a dirigir o espetáculo no Rio de Janeiro e buscou intensificar a

atitude irreverente da peça. Para isso, convidou um coro de jovens estudantes eletrizados pelo espírito da contracultura de 1968. Durante o espetáculo, o coro rompia o enquadramento do palco e mergulhava, sensual e violentamente, sobre o público. Era algo novo, inesperado, e funcionou como um choque no ambiente teatral do período. *Roda Viva* se tornou um dos mais emblemáticos espetáculos brasileiros dos anos 1960.

Alguns anos depois, entre 1973 e 1978, Chico Buarque escreve outras três peças: *Calabar - o Elogio da Traição*, em 1973, junto ao amigo e cineasta Ruy Guerra; *Gota d'Água*, em 1975, uma transposição da tragédia *Medeia* para os subúrbios cariocas, escrita junto com Paulo Pontes; e *Ópera do Malandro*, em 1978, adaptação das peças *Ópera dos Mendigos* de John Gay e *Ópera de Três Vinténs* de Brecht, numa versão que se passa no Rio de Janeiro dos anos 1940.

É sempre o Brasil a figurar em todos os seus textos teatrais. Mas o conjunto dá notícias também de um tipo de sensibilidade que percorre boa parte da obra de Chico Buarque, no teatro e na canção. São textos que fazem conviver o humor paródico, sempre presente, com uma profunda atenção pelas

margens da sociedade, personagens humilhados e abandonados, cujos corpos frágeis já envergaram com o peso do mundo.

Em *Calabar*, apesar do título, é Bárbara, a viúva do traidor, dilacerada por dentro, esmagada entre veleidades masculinas e coloniais, que conduz o andamento da trama. Em *Gota d'Água* é a dor cheia de raiva de Joana, nossa *Medeia* tropical, descartada por Jasão, que modula toda a peça. Mesmo na *Ópera do Malandro*, cuja trama gira em torno de temíveis contrabandistas, policiais e cafetões, são, na verdade, as mulheres e travestis pobres relegadas à prostituição, vítimas de um violento processo de estrago social, que impõem o ângulo de leitura e ajudam a criar as cores da paródia sobre a flexibilidade da moral no capitalismo periférico brasileiro.

É como se, ali, na sina triste e solitária daquelas para as quais ninguém olha, surgisse uma imagem singela e precisa do País e de suas tragédias. Esse modo próprio de sentir a dor e de falar com a voz do outro, atributos de grande intensidade teatral, tornam-se componentes fortes no lirismo musical de Chico Buarque. São inúmeras as canções na quais o compositor assume tais pontos de vista, eus líricos vários, uma coleção de personagens. Dito de outro modo, o teatro comparece frequentemente em sua música.

Mas não qualquer teatro. As peças de Chico Buarque possuem características estruturais sofisticadas e experimentais que remontam à melhor tradição do teatro político do século XX e recusam o encadeamento clássico do drama burguês. A inserção sistemática de coros e canções cria cortes e estranhamentos na cena, tal como defendia Bertolt Brecht para o seu teatro épico e dialético. Nas peças do compositor brasileiro, a música entra às vezes como comentário sobre as personagens, às vezes como contraponto crítico ao que foi dito antes, às vezes como paródia, mas sempre a interromper o enlevo dramático e a sua máquina de produzir identificação emocional.

Conta-se que, a despeito de não gostar nada de música, o poeta e diplomata João Cabral de Melo Neto assistiu na Europa à montagem de *Morte e Vida Severina*, do TUCA, e teria ficado comovido com o contraste entre a cena e as composições de Chico Buarque a partir de fragmentos de seu poema. Talvez tenha pressentido ali algo que buscava para a poesia: "Uma linguagem em que o leitor tropece, não uma linguagem em que ele deslize"; "Uma coisa que me acorde, e não uma coisa que me embale".



Artista que completou 80 anos nesta semana, Chico Buarque surgiu no ambiente do teatro, e seguiu conectado a esse mundo mesmo no auge como músico

CHICO E AS CIDADES/EBC/DIVULGAÇÃO/JC